

CARTUNS E CARETAS: objetificação, representação visual e informacional da mulher em uma revista de humor no início do século XX no Brasil

CARTOONS AND GRIMACE: objectification, visual and informational representation of women in a humor magazine in the early 20th century in Brazil

Alessandra Nunes de Oliveira | Jetur Lima de Castro | Cecília Abrahão Nascimento Santi | Lilia Silva do Nascimento

<https://doi.org/10.21747/21836671/pag15a11>

Resumo: Esta pesquisa discute as relações de objetificação, representação visual e informacional da mulher identificada nos cartuns que se encontram na *Careta*, revista de humor no início do século XX, no Brasil. Problematizam-se as relações de humor com a imagem da mulher por meio dos cartuns nas colunas da revista *Careta*, que criaram deformações discursivas do que seria o movimento feminista através do humorismo gráfico, isto é, por frases e desenhos cômicos. A partir da narrativa documentária da revista levantada por meio dos cartuns, apresenta algumas representações discursivas e visuais colocando a mulher em uma situação de subalternidade. Dado que 'ler' um texto visual é também uma tentativa de dissolver seus fetiches, acrescenta-se que os cartuns representam códigos culturais de determinada época e evidenciam o cotidiano ou o pensamento, assim como a visão do que era ou é no momento do olhar dos leitores. Ao nosso escopo, a revista *Careta* torna-se uma importante fonte de informação para discutir a imagem da mulher e a objetificação que foi abordada nesse periódico no início do século XX no Brasil. Nos cartuns, encontram-se sátiras da imagem do movimento feminista e da mulher. Portanto, convém enfatizar que a temática abordada é pertinente para a compreensão do desenvolvimento político-social na questão da emancipação da imagem da mulher. Em suma, nossa análise percebe o estereótipo existente no discurso "mau formatado" da revista *Careta*, que influenciou modos de pensar e agir segundo as relações dos padrões estéticos do que seria o ideal da mulher e a imagem do movimento feminista, confrontando-os do ontem para o hoje.

Palavras-chave: Cartuns; Códigos Culturais; Discurso de Gênero; Feminismo; Objetificação.

Abstract: This research discusses the objectification relations, visual and informational representation of the woman identified in the cartoons found in *Careta*, a humor magazine in the beginning of the 20th century, in Brazil. The relationship between humor and the image of women is problematized through the cartoons in the columns of the *Careta* magazine, which created discursive deformations of what would be the feminist movement through graphic humor, that is, through comic phrases and drawings. Based on the magazine's documentary narrative raised through the cartoons, it presents some discursive and visual representations placing women in a situation of subordination. Given that 'reading' a visual text is also an attempt to dissolve its fetishes, it is added that the cartoons represent cultural codes of a given period and show everyday or thought, as well as the vision of what was or is at the moment of looking, of readers. In our scope, *Careta* magazine becomes an important source of information to discuss the image of women and the objectification that was addressed in this periodical in the beginning of the 20th century in Brazil. In the cartoons, there are satires of the image of the feminist and women's movement. Therefore, it is worth emphasizing that the theme addressed is relevant for understanding the political-social development in the issue of the emancipation of the image of women. In short, our analysis perceives the stereotype that exists in the "poorly formatted" discourse of *Careta* magazine, that influenced ways of thinking and acting according to the relationship of aesthetic standards of what would be the ideal of women and the image of the feminist movement, confronting them from yesterday to today.

Keywords: Cartoons; Cultural Codes; Gender Discourse; Feminism; Objectification.

1. Introdução

Considerando a visão etimológica da informação, que pode ser avaliada como uma prática social que envolve ações de atribuição e comunicação de sentido, Araújo (2001:1) examina que as práticas informacionais surgem das informações que se dão através das práticas de recepção e seleção da informação.

Araújo (2014) afirma que Otlet contribuiu para Ciência da Informação (CI) com o termo de “documentação” ao compreender os artefatos humanos que caracterizam os registros das mais diversas maneiras e nos mais diversos suportes, que englobam “livros, manuscritos, fotografias, pinturas, esculturas, imagens em movimento, registros fonográficos, selos, estampas, etc.” (ARAÚJO, 2014:5). Na Ciência da Informação, o conceito de documentação é central, visto que possui nas suas bases teóricas a produção, organização, seleção, interpretação, armazenamento, recuperação, disseminação, transferência e uso da informação (SOUZA, 2018).

Le Coadic (2004:4) considera que “[...] a informação é um significado transmitido através da escrita por signos e, constituída também, pelas funções documental e a simbólica”. De outra maneira, quando efetuamos uma leitura de determinado signo, em que símbolos estão à disposição de produtores e intérpretes para serem usados como direcionamento discursivo, entende-se que eles fazem parte de uma representação de informação que foi decifrado e estudado, logo, explicado e disseminado. Observa-se em Gatto (2018) que os símbolos podem ser usados como formas informativas sociais e como aporte para um contexto maior das diversas questões das relações sociais. Os signos conduzem partes da estrutura semiótica, em que sua organização contribui para alcançar ao que se constitui o foco dos estudos da imagem que representam os sistemas de signos não linguísticos.

Esta pesquisa discute as relações de objetificação, representação visual e informacional da mulher identificada nos cartuns que se encontram na *Careta*, revista de humor no início do século XX, no Brasil. Problematizam-se as relações de humor com a imagem da mulher por meio dos cartuns nas colunas da revista *Careta*, que criaram deformações discursivas do que seria o movimento feminista através do humorismo gráfico, isto é, por frases e desenhos cômicos. A partir da narrativa documentária e análise de cartuns da revista, situa-se a objetificação, representação visual e informacional da mulher.

Logo, essa investigação é importante, pois, futuramente facilitará discutir a imagem da mulher e a objetificação que era abordada em uma revista de humor no início do século XX no Brasil. Nos cartuns, encontram-se sátiras da imagem do movimento feminista e da mulher. O cartum é acompanhado por outros aspectos dessa pesquisa, isto é, enquanto fonte informacional. Expressa-se a busca pelo estereótipo existente no discurso “mau formatado” da revista *Careta*, pela qual influenciou modos de pensar e agir segundo as relações dos padrões estéticos do que seria o “ideal da mulher” e a imagem do movimento feminista.

As revistas de humor do início do século XX eram chamadas de “gênero alegre” porque combinavam o humor e erotismo em seus textos e ilustrações. Interessava-se oferecer entretenimento para ocupação do tempo livre, especialmente da vida noturna com suas diversas atrações. As narrativas citadas como “leituras masculinas”, estavam carregadas de atribuições morais e estereótipos relacionados à raça e ao sexo feminino, acompanhadas de

desenhos ou fotografias que mostravam o corpo feminino e distorciam a imagem da mulher que poderia, ou não, representar o desejo masculino (GOBI, 2020).

A *Careta* foi às ruas pela primeira vez em 6 de junho de 1908, com caráter editorial satírico e humorístico. Sua linha editorial estava pautada no tom humorístico dos assuntos cotidianos brasileiros. Com circulação semanal e aos sábados a revista encontra o público, possuindo as seguintes características físicas: media cerca de quarenta páginas por edição e suas dimensões variavam entre um pouco menos de 30 cm de comprimento e um pouco mais de 20 cm de largura. Sua capa sempre foi caracterizada pela presença constante de caricaturas e cartuns razoavelmente coloridos, sempre em tom satírico e cercados da logomarca da revista que se localizava na margem superior e centralizada (MACHADO JÚNIOR, 2006).

Fig. 1 – Capa da Revista Careta de 1909



Fonte: BRASIL. Biblioteca Nacional - Hemeroteca digital (2020)

A revista dispunha de publicações voltadas ao humor e ironia, e estampava cartuns de teor político e social. Representava os costumes da época, os quais eram caracterizados e reproduzidos como conteúdo da revista. A Fig. 1 apresenta a capa de 1909, que se encontra preservada no *site* da Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional brasileira. Destaca-se por ser um periódico em formato cômico e analisa-se a representação do imaginário social sobre o tema feminista, que estava surgindo no início do século XX no Brasil. Como aporte teórico da análise dos periódicos, apresenta-se Marialva Barbosa (2010), dos estudos teóricos em comunicação que discute os discursos em que os jornais são representações do pensamento social e monumento de memória, pois eles são documentos que registram parte de uma discussão de determinadas épocas.

Especificamente, visa-se analisar o contexto dos cartuns e as representações discursivas e visuais que colocam a mulher em uma situação de subalternidade. Isso revela umas das principais razões sobre o que representa o cartum, um “gênero discursivo de uso híbrido das linguagens verbal e imagética, caracterizado pela temporalidade marcada pela sátira e

pelas críticas referentes a determinado evento, em geral, de natureza política” (GOMES, 2013:26-27).

O procedimento de observação dos dados coletados foi efetuado a partir da Análise Crítica do Discurso (ACD) pautado no autor Van Dijk (2018). A ACD estuda o modo como as características do contexto, tais como as propriedades dos usuários da língua de grupos poderosos, influenciam as formas discursivas dos grupos dominados. Trata-se dos posicionamentos da revista *Careta* sobre a imagem das mulheres. Para ser efetuada esta análise, a pesquisa cumpriu o papel de analista crítico do discurso, a saber que:

Analista crítico do discurso pode mostrar, em detalhes, como tópicos, manchetes e leads do discurso jornalístico [...] ou slogans no discurso político, podem ser usados e abusados para definir a situação, isto é, de que forma essas estruturas discursivas podem ser usadas para construir as estruturas mais elevadas dos modelos mentais de eventos (VAN DIJK, 2018:253).

As representações visuais que se encontram no material documental são o que chamamos de análise de imagens, na qual visamos refletir, compreender, descrever e contextualizar diferentes perspectivas e teorias dessa abordagem com o objetivo de decifrar as significações que a “naturalidade” aparente das mensagens visuais implica. “Naturalidade” que é alvo suspeito para aqueles que buscam investigar o que está por trás da imagem “espontânea” (JOLY, 1996).

Os documentos pesquisados caracterizam-se como procedimento de análise documental que “[...] consiste num intenso e amplo exame de diversos materiais que ainda não sofreram nenhum trabalho de análise, ou que podem ser reexaminados, buscando-se outras interpretações ou informações complementares, chamados de documentos” (KRIPKA, SCHELLER e BONOTTO, 2015:244). A pesquisa documental é uma fonte primária, riquíssima e estável em dados históricos e visa representar o conteúdo de um documento sob uma forma diferente do original, a fim de facilitar a informação de forma condensada (MARCONI e LAKATOS, 2010; BARDIN, 2009).

Ressalta-se que na Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional, o referido periódico apresenta-se a partir do ano de 1909, um ano após o surgimento da revista. Foram consultados, conforme o seu período semanal, os termos ‘feminismo’ e ‘feminista’ com o objetivo de alcançar notícias e narrativas sobre o assunto em questão. Nas ocorrências encontradas na hemeroteca digital, os respectivos termos começaram a aparecer com mais frequência a partir do ano de 1911, com um vasto material, que trazia abordagens sobre o feminismo na revista. Nessa procura também surgiu o termo feminismo triunfante, o qual estava exclusivamente nas publicações de cartum.

A investigação ocorreu até o ano de 1935, data que o termo feminismo triunfante apareceu pela última vez na revista *Careta*. O texto também tem o auxílio da revisão bibliográfica, elaborado com base em materiais já publicados sobre o tema. Apresenta o interesse do investigador em procurar uma gama de fenômenos mais ampla e indispensável nos estudos históricos, pois, em muitas situações, não há outra maneira de conhecer os dados passados se não com base no conhecimento bibliográfico. Particularmente para entender como era narrada a imagem das mulheres no início do século XX (GIL, 2010; SANTI e TOILLIER, 2020).

Por fim, o discurso sobre a imagem da mulher foi examinado na revista com a análise dos cartuns. Em continuidade, a ideia que a informação produz sentidos e, através das ações de recepção e seleção de dados, reforça a necessidade de mais estudos no âmbito desse assunto. A análise de cartuns torna-se uma alternativa para estudos mais dinâmicos do processo de aprendizagem no âmbito da CI, com a utilização de imagens. Em razão de resgatar a sua historicidade, o cotidiano, ou o imaginário sobre a mulher, algo que pode se planificar ao discurso crítico em nossos tempos sobre as lutas por emancipação e ainda de gramáticas que minimizam e deturpam a imagem do movimento feminista.

2. Cartum como informação: linhas introdutórias sobre o humor gráfico

As representações do humor gráfico (charge, cartum e caricatura), estão presentes em nosso cotidiano em jornais e magazines. Essas categorias de revistas visam o entretenimento, pode-se ver não apenas o texto, mas também ilustrações, com o intuito de deixá-las mais agradáveis visualmente. As imagens têm uma importância muito maior, pois permitem ao seu autor preenchê-las de significados, ideologias e valores (ARRIGONI, 2011) e assim fazer com que a leitura se torne mais leve e agradável.

Pode-se definir o cartum como fenômeno atemporal, isto é, sem a necessidade de os leitores conhecerem os personagens ilustrados e o tempo em que ele é apresentado, pois, o cartum trabalha com uma crítica que não é necessariamente o fato dos noticiários. Ele no que lhe concerne, conduz referências a fatos ou pessoas, sem o necessário vínculo com a realidade, representando uma situação criativa que penetra no domínio da invenção. Mantém-se, contudo, vinculado ao espírito do momento, incorporando eventualmente fatos ou personagens (ARBACH, 2007).

Para entender melhor mostra-se uma breve comparação entre o cartum e a charge. Enquanto no primeiro não é necessário ter um personagem conhecido no seu humor gráfico, o assunto não precisa ser debatido nos noticiários, podendo assim apresentar um tema livre. A charge, no que lhe concerne, faz uma crítica a um fato jornalístico, um acontecimento recente ou que ainda esteja em evidência (ARRIGONI, 2011).

Os cartuns representam aspectos da vida cotidiana com pequenas ilustrações reais em todos os seus significados. Por vezes esses desenhos conseguem transmitir emoções através de um certo prazer humorístico e satírico. Embora implacáveis ocasionalmente, nunca são neutros, isto é, originam-se da reação de quem os vê ou lê e induzem respostas e reações (SANTOS, 2015).

Compreendem uma determinada categoria de leitura e o leitor precisa estar atento aos detalhes e ao contexto da imagem seguindo o surgimento do diálogo. Dessa forma, os cartuns tratam de uma informação visual, conforme apontam Ginman e Ungern-Sternberg (2002), a informação figurada apresenta desafios neste processo, relacionando a capacidade de criar as metáforas visuais e a interatividade adaptada para a mensagem transmitida. O processo exige, portanto, tanto familiaridade com a percepção e apresentação visual, quanto conhecimento da tomada de decisão humana e da influência dos fatores cognitivos no processamento de informação.

A importância da informação visual no contexto de aprendizagem tem sido demonstrada em vários estudos, entre outros relacionados com diferentes categorias de processos de conhecimento. O poder emocional das imagens, combinado com uma análise crítica do comportamento social ou político, cria muitos produtos de valor informacional que descrevem com propriedade a cultura, a sociedade e a vida cotidiana das diversas sociedades (GINMAN e UNGERN-STERNBERG, 2002).

Nesse panorama há a importância de discutir os cartuns como informação visual, analisa-se nos próximos capítulos o discurso contido nos cartuns para entender como eles oferecem um conhecimento sobre a representação da mulher e do movimento feminista no início do século XX no Brasil.

3. Moda e corpo: a mulher como espetáculo social

Vestidos longos com rendas, com o corpo moldado em espartilhos, cores delicadas e chapéus proeminentes, marcam assim o estilo de roupa feminina do início do século XX. Uma época em que as mulheres tinham o “dever moral” de assumir a posição de dama, cobertas de ornamentos e de saias com anáguas de arcos (LAYER e PROBERT, 1989).

No entanto, com o movimento das sufragistas¹ ocorrendo, alguns atos revolucionários incidiram também no vestuário feminino. As calças, que hoje são consideradas uma peça de vestuário que abrange o cotidiano das mulheres, receberam várias críticas quando elas buscavam melhorá-las como roupas.

Para Crane (2013), foi ainda durante o século XIX que o sexo feminino adotou indumentárias do guarda-roupa masculino, principalmente as calças. Aquelas mulheres que trouxeram para o seu dia a dia o uso da peça foram deixadas à margem da sociedade, além de serem motivo de piada, enquanto as calças eram consideradas trajes unicamente masculinos, uma das vestimentas que diferenciava o gênero masculino e feminino.

Neste século, acentuou-se a divergência entre o papel do homem e da mulher na sociedade, o que estava presente até em seus vestuários. O traje da mulher estava atribuído a refletir a feminilidade e fragilidade (WILSON, 1985).

Apesar disso, foi no estilo da *jupe-culotte* ou saias-calção que se examina a causa de tal burburinho social, sendo que o seu uso criou os primeiros atos revolucionários com a questão da vestimenta das calças.

Motivo de controvérsia social, as calças femininas, chamada de *jupe culotte*, eram constantemente anunciadas nas notícias da revista, reações a favor e contra, no entanto, o que prevaleceu foi a crítica, o ridículo e a demagogia das novas roupas femininas como motivo de escândalo social.

¹ Mobilização social que reivindicou o direito de voto para as mulheres. O período de sua atuação foi o final do século XIX, quando também havia discussão sobre educação feminina e profissionalização. O primeiro país a aprovar o sufrágio para mulheres foi a Nova Zelândia, em 1894. O Brasil foi o primeiro país da América Latina, em 1932 (VIANNA, 2017:81).

Fig. 2 – Revista Careta - Calça jupe-culotte



Fonte: BRASIL. Biblioteca Nacional - Hemeroteca digital (2020)

[R]efletindo nos seus avanços as tendências masculinas do sufrágio. As guerras balcânicas, pondo em evidência os usos do oriente europeu, motivaram o aparecimento da *jupe culotte*, cuja vitória, influido na fisiologia feminina, poderia determinar imprevistas modificações na ordem social (SOUZA, 1914:7).

É possível observar as piadas sociais feitas à imagem de mulheres que queriam adotar a indumentária para seu guarda-roupa. Em pequenas falas como “[...] qual é a modista que trabalha para tua esposa? — agora é meu alfaiate — ah! Sim pela *jupe culote!*” (Jupe-culotte, 1911:13). Através dos cartuns, as revistas reproduziam um impacto negativo da nova moda nas casas de família, expondo que os homens não aceitavam a moda de suas esposas.

Observamos na imagem seguinte o discurso que mostra o homem não admitindo que sua esposa está usando calças. Um simples diálogo, que reforça o pensamento masculino dominante sobre o corpo e sua demonstração de posse do ser feminino.

Nos editoriais e opiniões dos cronistas sobre o movimento que provocou o uso dos *jupes-culottes*: “Pura tolice essa movimentação masculina em cousa que absolutamente não lhe diz respeito. Que temos nós, com efeito, senhores homens, que as senhoras usam ou não calças? Sim, o que tem os homens com as calças?” (MELLO, 1911:21). As calças tão presentes nas roupas femininas foram alvo de tumulto, preconceito e curiosidade social, já que as mulheres tinham o dever de representar sua feminilidade através de vestidos, considerando a obrigação de se apresentarem como uma dama na sociedade.

Fig. 3 – Revista *Careta* 25 mar. 1911, p. 23



Fonte: BRASIL. Biblioteca Nacional - *Hemeroteca digital* (2020)

Usar calças foi uma atitude transgressora e escandalosa para a época, e neste ponto pode-se entender a produção de significado da informação sobre como as calças foram recebidas nos lares da sociedade nos anos 20. A seguir a nota da revista *Careta*:

Os hábitos liberais invadem os lares. As modas, que depois das eras pagãs, pelo decorrer dilatado de séculos, visavam, disciplinado luxo, ocultar defeitos, propendem agora a patentear encantos [...] as guerras balcânicas, pondo em evidencia os usos do oriente europeu, motivaram o aparecimento da jupe culotte, cuja vitória, influindo na psicologia feminina, poderia determinar imprevistas modificações na ordem social (SOUZA, out. 1914:7).

Quando falamos sobre o início do século XX, analisa-se no cotidiano da revista *Careta* que os vestidos eram a principal vestimenta de roupas femininas. Era essa indumentária que de acordo com o costume da época transmitia a elegância da mulher, pois havia anúncios constantes de vestidos por serem bonitos, elegantes, de linho branco, aparados com botões e guipure. Em uma sociedade que experimentou a *Belle Époque*², as calças eram consideradas uma transgressão, sobretudo em época que se defendia espartilhos, rendas e os enfeites no vestuário feminino.

² O período da *Belle Époque* francesa é normalmente colocado entre o fim da segunda metade do século XIX, especificamente em 1871 e o começo do século XX, tendo seu auge nos anos de 1900 e terminando em 1914 com a chegada da Primeira Guerra Mundial. Já no Brasil, o marco inicial da *Belle Époque* pode ser colocado em 1889 com a Proclamação da República, mas apenas com o governo de Campos Sales (1898-1902) e a sua reforma federalista – que deu mais estabilidade política e econômica ao Brasil – é que a elite brasileira moderna das principais cidades realmente começou a se formar. Percorrendo o começo do século XX até a Semana de Arte Moderna de 1922, esse período foi marcado pelo recorrente esforço dessas elites de se modernizarem perante o mundo e com inspirações principalmente francesas (LIMA, 2018).

Fig. 4 – Revista *Careta*, 8 abr. 1911



Fonte: BRASIL. Biblioteca Nacional - Hemeroteca digital (2020)

Com a crítica às calças femininas veio a deturpação da ideologia feminista. Pode ser analisado nos editoriais constantes da revista *Careta* que o feminismo estava associado aos homens, ou seja, mulheres querendo ser um homens, copiando-os. Em termos como o feminismo masculino (como ilustrado na Fig. 4).

Garcia (2015:12) esclarece que “[...] o feminismo ao longo de sua história foi alvo de campanhas que fizeram com que a população geralmente acreditasse que o feminismo era um inimigo a combater”. É possível observar nos editoriais como as mulheres feministas que elucidaram o movimento foram tratadas nas histórias da revista. Um exemplo disso foi a viagem da líder do movimento feminista britânico, Emmeline Pankhurst³, ao Brasil, ridicularizada na crônica, figuras e coisas de outros países, que a conceituaram como uma mulher masculina: “a Sra. Packurst, que apesar de ser Senhora, quer ser homem porque é a general das sufragistas inglesas” (Figuras..., 1914:22). Foi assim que o feminismo foi retratado na crônica, que definiu essas mulheres como feias e que buscavam imitar os homens. Moraes (2001) explica que o movimento acabou sendo atacado e desqualificado por seus adversários, ridicularizando seus defensores e chamando-as mulheres não amadas ou reduzindo seus objetivos.

No retrato social da revista, percebe-se que as mulheres eram unicamente colocadas em evidência como adereço social para reforçar a ideia de posse, desejo e objetificação dos homens.

Se descobrisse um elixir que curasse a fealdade, a generala das sufragistas não sairia de Londres, não seria generala e acharia o feminismo uma coisa intolerável e ridícula. Em terra de mulheres bonitas, o feminismo, como o quer a generala itinerante, é um absurdo que ninguém o concebe. As lindas

³ Foi ativista feminista e fundou a União Social e Política da Mulher (WSPU) em defesa do voto da mulher. Ao que se refere como sufragista, nome dado às mulheres votantes.

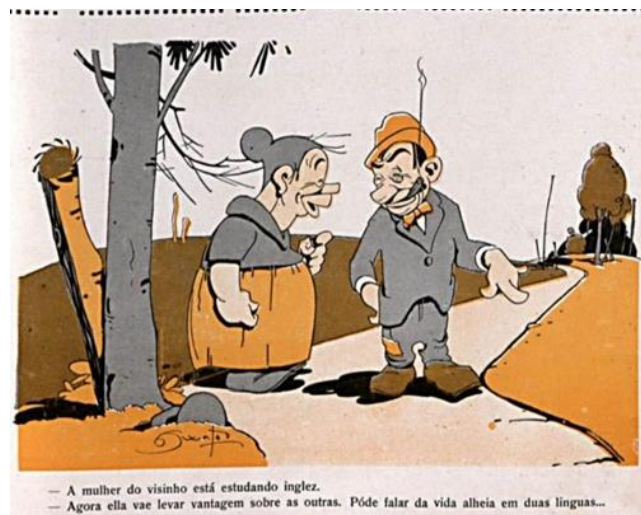
mulheres brasileiras não trocarão o trono que ocupam nos corações dos homens pelo duro trabalho em que eles se exercitam para mantê-las como escravas que são rainhas (Figuras..., 1914:22).

Dessa forma, uma mulher intelectual era sinônimo de mulher feia e essa era igual aos homens. Esses confrontos entre o ser bonita e intelectual faziam parte de um conceito em que se dizia que a beleza é *coisa de mulher* e a capacidade intelectual para dialogar sobre política, economia e os diversos assuntos da sociedade era atribuída apenas aos homens. Bloris e Cesidio (2007:457) falam do patriarcado e sobre impor e naturalizar o comportamento que as mulheres deveriam apresentar naquela época: “[...] as crianças e as mulheres não passavam de seres insignificantes, sem poder expressar suas próprias opiniões e seus desejos, pois apenas deviam obediência ao patriarca”.

A mulher era colocada “em seu lugar”, ou seja, uma escrava da sociedade patriarcal que a direcionava para o que deveria fazer. Em outras palavras, a mulher buscar novos estudos, habilidades e fazer o que gostava fora da expectativa do padrão social, foi colocado como motivo de piada para a revista. Sobre isso, pode-se observar no breve diálogo da figura a seguir: “[...] a mulher do vizinho está estudando inglês. Agora ela levará vantagem sobre as outras. Pode falar da vida alheia em duas línguas” (A Mulher..., out. 1928:27).

Neste texto, observa-se que as mulheres que queriam tomar suas posições e mostrar sua importância social foram colocadas como cômicas. Estudar inglês, como ilustrado na imagem, refere-se a algo fútil, mostrando que as mulheres não eram levadas a sério por suas novas habilidades.

Fig. 5 – Revista Careta, out. 1928, p. 27



Fonte: BRASIL. Biblioteca Nacional - Hemeroteca digital (2020)

Simone de Beauvoir (2009:9), considera essa relação dos dois sexos e afirma que essas relações não devem ser de duas eletricidades e de dois polos. Como, por exemplo, o homem que representava o positivo e o neutro e acabava representando um elétron positivo, e a mulher aparece como o negativo, de modo que toda determinação lhe é imputada como limitação e sem reciprocidade, não ecoando a voz da sua subjetividade.

Não tolero, de facto, as mulheres literatas ou cientistas e sou, na verdade, positivamente contrário ao feminismo. A mulher tem deveres sublimados a cumprir, deveres exclusivos do seu sexo. Toda vez que, sobre os recursos do *Devant-droit*, ela ajusta a imponência de uma toga ou empunha *bisturi* desinfetado em *Cotys* e águas de *Humbigant*, há um abalo na Família e um desequilíbrio social [...] (A moeda..., 1912:30).

O discurso da mulher sendo calada para não desenvolver sua intelectualidade, ainda é uma manifestação que ecoa na co-temporaneidade. Em recente discurso emitido por um líder de uma denominação ao seu público, ele reforçou a ideia de que a mulher que estuda está fadada à infelicidade: “O que se ensina hoje é: minha filha nunca ficará sujeita a um homem. Então tá! Ficarà sujeita à infelicidade. Tem mulheres inteligentíssimas que não conseguem encontrar o cabeça [um homem]” (SOARES, 27 set. 2019).

É interessante salientar a centralidade da beleza na mulher nos diálogos e imagens encontradas na referida revista. Na Fig. 6, podemos perceber novamente esse teor estereotipado do que a mulher deveria seguir em sociedade, através do diálogo que é ilustrado:

Fig. 6 – Revista *Careta*, set. 1921, p. 36



Fonte: BRASIL. Biblioteca Nacional - Hemeroteca digital (2020)

O cartum expressa o diálogo, “mas, Jacyntho, sou feminista e, se casar contigo... — Eu não precisarei mais trabalhar. Entrarás num concurso qualquer, serás fatalmente aprovada... Faz isto por mim, meu bem!” (Ideias..., 1921:36). Esse diálogo representa o construto social da mulher viver apenas da sua beleza e a sua contribuição social, que era agradar, resumida a um espetáculo social de entretenimento, enfoque que nos permite sugerir as “ideias do século” presente no início do cartum.

Essa espetacularização é conceituada por Naomi Wolf (1992) como o mito da beleza sendo um reflexo social de que “beleza” é um sistema monetário semelhante ao padrão ouro e essa

beleza imposta e acatada carrega resultados negativos para a mulher. Na verdade, é um sistema político que construiu um padrão físico imposto culturalmente à mulher e expressa relações de poder do homem, nas quais as mulheres devem querer competir entre si, e os homens devem possuir mulheres que o encarnem.

Essa duplicidade do corpo da mulher atrelada à espetacularização constitui-se em suma a objetificação (lat. *obiectum*, objeto; *facere*, fazer) é a maneira que indivíduos ou grupos de indivíduos tratam os outros como objetos (BONNICI, 2007).

Quando observamos o "aparente inofensivo" diálogo do Jacinto da Fig. 6 “[...] eu não precisarei mais trabalhar. Entrarás num concurso qualquer” percebemos que ele simbolicamente está usando-a como um objeto que obterá lucro, oferecendo seu corpo e beleza como espetáculo social.

Autores como Fredrickson e Roberts (1997) consideram a objetificação associada ao corpo das mulheres, sendo que as partes do corpo ou as funções sexuais de uma mulher são separadas de sua pessoa, reduzidas à condição de meros instrumentos ou consideradas como se conseguissem representá-la. Em outras palavras, quando objetificadas, as mulheres são tratadas como corpos e, em particular, como corpos que existem para o uso e o prazer de outros.

Assim, considerando o próximo cartum *Toillettes de Eva*, uma moça de vestido sendo observada com olhares por um senhor, que enquadrado no diálogo, insinua estar desejando-a sem roupa “[...] que paspalhões são esses homens! Gasta-se um dinheirão para pagar um bom vestido e esses estafermos contemplan exatamente o que fica descoberto” (*Toillettes...*, 1913).

Para análise deste próximo cartum, atenta-se ao olhar do homem que se encontra observando a moça.

Fig. 7 – Revista *Careta*, 20 set. 1913



Fonte: BRASIL. Biblioteca Nacional - *Hemeroteca digital* (2020)

Ao nosso ver, o cartum *Toilletes de Eva* expressa um símbolo de objetificação sexual que as mulheres enfrentam no seu cotidiano. Conforme a pesquisa de Fredrickson e Roberts (1997) mostra, as mulheres são mais olhadas do que os homens; o olhar dos homens é frequentemente acompanhado por comentários sexualmente avaliativos, ressaltando não apenas que esse olhar sexualizado ocorre, mas também que é inquietante para as mulheres. Os detalhes que situam o olhar sobre a beleza da mulher sempre estão em pauta nos discursos da mídia. A mídia reproduz o desejo do patriarcado.

Enquanto meros objetos destinados a saciar os desejos sexuais masculinos, consumidoras de utensílios domésticos, ou como consumidoras de produtos que recorrem à padronização da beleza. Enquanto objeto sexual, basta verificar as recorrentes aparições de mulheres em publicidades para constatar este fato: propagandas de cerveja são um exemplo nítido da mercantilização do corpo feminino, da “coisificação” da mulher em objeto sexual (FEDERAÇÃO..., 2012:2).

A mulher é padronizada a ser feminina; ser feminina é ser bonita; ser bonita é reinar na sociedade; é o seu escudo na sociedade. Essa genealogia e hierarquia encontrada na revista *Careta* (O Veedee, 1910:27), embora seja uma propaganda de “veedee”, um tipo de massageador da pele dos anos de 1912, o discurso sobre a mulher mostra a imposição da beleza na mulher e que o atrativo pessoal (a beleza) da mulher é o seu escudo para aquelas que pretendem encontrar uma carreira fácil nessa vida e deve lembrar-se que não é gasto em vão tempo [...] a beleza é o escudo da mulher” (O Veedee, 1910:27).

Se ser mulher era sinônimo de ser feminina, o feminismo foi associado a mulheres masculinas. Com o termo feminismo másculo, assim, o movimento feminista era associado a mulheres pela revista *Careta*, que abordava que essas mulheres tinham atitudes de homens quando, na verdade, elas apenas tomavam posição em sociedade para se defender, ecoar suas vozes ou expor suas ideias.

Enquanto o feminismo no início do séc. XX buscava elucidar as mulheres e ocupar o seu lugar de fala social, a revista *Careta* noticiava que o movimento começou a incomodar os homens devido ao movimento “o feminismo no Brasil preocupar muito mais os homens do que as mulheres. Não conheço em nosso país, nenhuma mulher que o tenha estudado ou mesmo que mostre qualquer preocupação que se relacione com o feminismo” (LEON, 1914:7).

A inquietude para analisar as ilustrações e ler as notícias que circulavam no início do século XX evidencia que a sociedade centrada sobre o que homem gosta e de ele ser o exemplo de modelo copiado pelas mulheres. Enquanto esse discurso concentrava-se nas notícias, situava-se a demagogia sobre a mulher, fortalecendo a deturpação do movimento feminista.

Na Fig. 8, observa-se essa demagogia quando se refere a “profissão do feminismo” e que a mulher é ilustrada sugerindo um “tapa” ao homem. Na legenda pode-se observar o diálogo: “machucou-se? – qual macho couce? Foi um coice feminino” (Profissão..., 1914:11). O jogo de palavras com o *macho*, em alusão ao gênero masculino, e o *coice* em alusão a pancada feita pelos quadrúpedes, alude ao simbolismo de palavras que coloca a mulher feminista da época como um ser animal. O que seria uma defesa da mulher era exposto como uma atitude rude animal.

Fig. 8 – Revista *Careta*, 31 jan. 1914



Fonte: BRASIL. Biblioteca Nacional - *Hemeroteca digital* (2020)

A liberdade da mulher na sociedade sempre foi um assunto delicado e até mesmo polêmico, capaz de gerar pauta social, principalmente quando nos situamos no início do século XX, já que a mulher era destinada a ocupar unicamente os lares e qualquer prática que fugisse dessa “normativa” de mulher e lar, conforme Vera Puga (2007:161) classifica a normatização explícita e a determinação cultural na construção do “ser homem” e do “ser mulher” na sociedade brasileira. A autora refere-se à educação formal e informal dos jovens, que deveriam aprender a se construir como seres diferentes, tanto na parte biológica, como na parte emocional e fisicamente. Homem era homem, mulher era mulher. A junção dos dois só poderia ser realizada mediante o casamento para a procriação.

A educação condicionava as mulheres para casarem-se, cuidarem do lar e de todo o contexto que a palavra lar poderia oferecer; uma mulher divorciada poderia ser o escândalo social. No que se refere às mulheres, essas eram severamente punidas socialmente caso fugissem ao “grande objetivo do casar e procriar”. As mulheres, mães solteiras ou que ficaram para “titia”, as prostitutas, “biscates” e todas as outras desviantes, tiveram que pagar um alto preço por sua audácia e por qualquer outra escolha que não fosse o casamento (PUGA, 2007).

Deve-se notar que no início do século XX o termo divórcio não era adotado legalmente, mas sim o termo legal era o Desquite, pois ele era um “meio divórcio”, o qual separava e mandava cada um dos separados para cantos diferentes, sem que esses pudessem casar novamente, a não ser que um deles viesse a falecer (GIRARDI, 2001).

Seguindo essa realidade, pode-se constatar na revista *Careta* o reflexo do comportamento social perante o divórcio e sobre a mulher que se separava.

Fig. 9 – Revista *Careta*, 31 jan. 1934



Fonte: BRASIL. Biblioteca Nacional - *Hemeroteca digital* (2020)

Em detalhes mostrados no cartum, nota-se um personagem apontando o dedo na rua para uma mulher. Nesse diálogo, ela seria sua ex mulher que se casou com outra mulher. Uma breve cena que pode oferecer várias reflexões sobre o divórcio e sobre ser mulher.

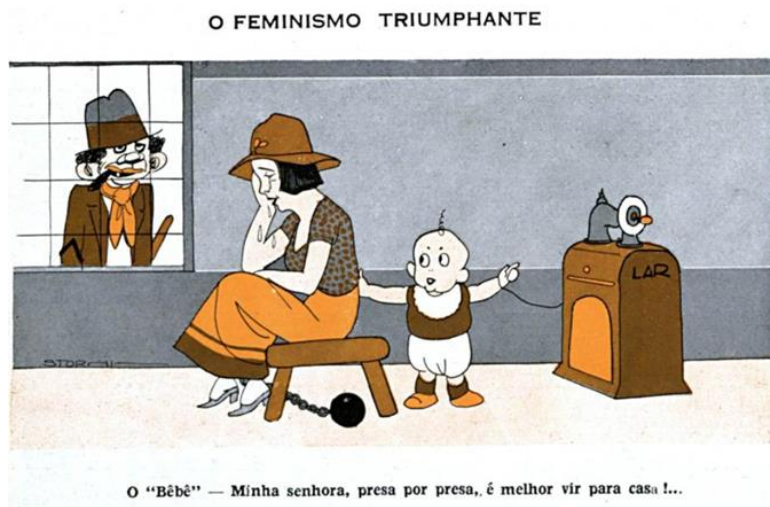
Soares (2012), em sua pesquisa realizada sobre a revista feminina que relatava sobre o cotidiano da mulher, apresenta a abordagem de instrução feminina de comportamento no lar, mostrando que para a revista não haveria crime maior para uma mulher moralmente decente do que querer se separar de seu marido.

Para a revista *Careta*, o desquite/divórcio era denominado tragédia biológica, que podemos ler em um breve editorial. A revista informa que as mulheres sofrem de insuficiência ou distúrbios sexuais e, em consequência, tornam-se “criaturas nervosas, melancólicas, indiferentes e, às vezes, agressivas”, sendo que esse distúrbio ocasiona o divórcio/desquite (Tragédia..., 1934:3).

Seguindo a linha de raciocínio do patriarcado de uma mulher casada, cuidando do lar, do filho e marido, a revista *Careta* expõe a representação social da mulher presa ao lar. Em uma tira do cartum (Fig. 10), podemos constatar o “conselho” dado a uma mulher, “minha senhora, presa por presa, é melhor vir para a casa...” (Feminismo..., 1935:1).

À mulher cabia, portanto, manter higiênicos os espaços da casa, gerar filhos, vigiar os caminhos desviantes do marido trabalho/botequim, produzir tudo a tempo e hora: alimentação quente e saudável, roupa lavada e passada e somente trabalhar fora de casa em casos de necessidade. Em contrário, o seu devido lugar era o lar (PUGA, 2007).

Fig. 10 – Revista *Careta*, 2 fev. 1935



Fonte: BRASIL. Biblioteca Nacional - Hemeroteca digital (2020)

Em uma breve genealogia que Monteiro e Grubba (2017) fazem do que era esperado do comportamento social da mulher, podemos analisar que:

Durante o Brasil Colônia a mulher era vista como alguém incapaz, devendo os seus atos serem tutelados pelos seus pais ou familiares, e no caso do casamento, pelos seus cônjuges. Essas condições perduraram-se pelo Brasil Império e, até mesmo, pela chegada do Brasil Republicano, o qual foi marcado pela Revolução Industrial, que permitiu o ingresso da mulher no mercado de trabalho, ainda que em condições precárias e sempre inferiorizadas em relação ao trabalho dos homens (MONTEIRO e GRUBBA, 2017:262).

Essa genealogia abordada pelo autor é um aporte que dá base para entender que a mulher, mesmo querendo inserir-se no mercado de trabalho, era impedida pela sociedade por inúmeros fatores e eram muitas as desculpas para não a valorizar em questões que não estivessem relacionadas ao seu lar, representação que o cartum da Fig. 10 provoca ao leitor.

A sociedade patriarcal determinava o que a mulher poderia vestir e ser, determinando o seu comportamento, qual a melhor forma dela se portar para os demais e principalmente priorizando que ela agradasse o homem. A mulher ocupa o palco da teatralização social, mas que ela própria não é a protagonista de sua história. As narrativas que a revista *Careta* oferece mostram sobre como as mulheres enfrentavam e ainda enfrentam no seio social o discurso “mau formatado” que de maneira indireta ou simbólica abusa e viola a mulher quando a coloca no padrão patriarcal.

4. Considerações finais

A expressão gráfica que o cartum proporciona com o seu contexto de imagem e breve diálogo nos informa sobre como o feminismo era retratado e ecoado, mesmo em forma cômica, mas que provavelmente tinha a intenção de ridicularizar o movimento.

Junto ao cartum, nos debruçamos nos estudos teóricos, que fazem uma revisão sobre o contexto histórico do feminismo, principalmente como ele é exposto e representado pelos periódicos. Embora esses tenham teor de “humor”, também causam certa influência social. A contextualização teórica e o cartum mostram como a mulher era retratada.

Considerando esse contexto, contemplam-se os cartuns como uma fonte informacional de um determinado contexto social que buscou-se investigar. Mesmo que ele tenha uma expressão de entretenimento, o leitor que busca analisá-lo a fundo encontrará em uma breve tirinha, informações reflexivas sobre o assunto abordado.

O cartum se apresentou como uma informação inserida em um documento (periódico) que merece ser levado em pautas que abordam os diferentes contextos da informação, sobretudo, no campo da Ciência da Informação, a informação através de signos, que as imagens buscam informar para um leitor que se atenta aos detalhes em averiguar o contexto de imagem e diálogo. Ressalta-se que os detalhes de expressão facial são informações que não podem ser negligenciadas, mas podem ser melhor compreendidas.

O cartum, como documento informativo, também está atrelado aos estudos de memória na Ciência da Informação e através dele podemos ver como eram abordados os assuntos do dia a dia. Através dele, podemos ver como o feminismo foi satirizado socialmente e como a mulher feminista foi expressada para a sociedade, a saber: através do desenho, que trazia mulheres com gestos raivosos; mulheres feministas batendo em homem; mulher julgada na rua por um assunto de divórcio; a mulher triste com a mão no rosto se sentindo presa.

Neste estudo, analisamos a representação social através de uma revista sobre o feminismo, reforçando a necessidade de mais estudos do assunto, sobretudo analisando o cartum como alternativa para estudos mais dinâmicos do processo de conhecimento a disputas de sentidos com a utilização de imagens.

Desse modo, a importância de utilizar imagens com humor gráfico, seja charges, cartum, caricatura como uma representação de informação, instiga para ser investigada como fonte significativa de informação na construção de sentidos produzidos de determinada época, principalmente sobre o assunto em pauta e em como pode ser discutido sobre o cotidiano, ou o imaginário sobre a mulher, algo que planifica a crítica em nossos tempos sobre a emancipação da mulher e a minimização de discursos que deturpam a imagem da mulher.

Referências bibliográficas

ARAÚJO, Carlos Alberto Ávila

2014 O Que é Ciência da Informação?. *Informação & Informacao*. [Em linha]. 19:1 (jan./abr. 2014). [Consult. 21 jul. 2019]. Disponível em:
<http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/informacao/article/viewFile/15958/14205>.

ARAÚJO, Eliany Alvarenga de

2001 A Construção social da informação: dinâmicas e contextos. *Data grama zero: revista de Ciência da Informação*. [Em linha]. 2:5 (out. 2001). [Consult. 21 jan. 2021]. Disponível em:
https://brapci.inf.br/repositorio/2010/01/pdf_07d2e0408e_0007452.pdf.

ARBACH, Jorge Mtanios Iskandar

2007 *O Fato gráfico: o humor gráfico como gênero jornalístico*. [Em linha]. São Paulo, 2007. [Consult. 21 jul. 2019]. Disponível em:

<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/27/27153/tde-22072009-182433/pt-br.php>.

Tese de Doutorado em Estudo dos Meios e da Produção Mediática - Universidade de São Paulo, Escola de Comunicações e Artes.

ARRIGONI, Mariana de Mello

2011 Debatendo os conceitos de caricatura, charge e cartum. In ENCONTRO NACIONAL DE ESTUDOS DA IMAGEM, 3º, Londrina, 2011 - *Anais...* [Em linha]. Londrina: UEL, 2011. [Consult. 21 dez. 2019]. Disponível em: <http://www.uel.br/eventos/eneimagem/anais2011/trabalhos/pdf/Mariana%20de%20Mello%20Arrigoni.pdf>.

BARBOSA, Marialva

2010 *História cultural da imprensa: Brasil 1800-1900*. Rio de Janeiro: Mauad X, 2010.

BARDIN, Laurence

2009 *Análise de conteúdo*. Portugal: Edições 70, 2009.

BEAUVOIR, Simone

2009 *O Segundo sexo*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.

BONNICI, Thomas

2007 *Teoria e crítica literária feminista: conceitos e tendências*. Maringá: EDUEM, 2007.

BORNEMANN, Neila Barbosa de Oliveira; COX, Maria Inês Pagliarini

2011 “Vote tiririca, pior que tá não fica”: a construção de efeitos de sentido em charges. *Revista Signótica*. [Em linha]. 23:2 (2011). [Consult. 28 jul. 2020]. Disponível em: <https://www.revistas.ufg.br/index.php/sig/article/view/17530>.

BRASIL. Biblioteca Nacional

2020 *Hemeroteca digital*. [Em linha]. 2020. [Consult. 6 mar. 2020]. Disponível em: <http://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital>.

CRANE, Diana

2013 *A Moda e seu papel social: classe, gênero e identidade de roupas*. 2ª ed. São Paulo: Editora Senac, 2013.

FEDERAÇÃO NACIONAL DE ESTUDANTES DE DIREITO

2012 *Cartilha feminista*. [Em linha]. 2012. [Consult. 8 set. 2020]. Disponível em: <https://www.ufrgs.br/caar/wp-content/uploads/2012/02/Cartilha-Mulheres-FENED1.pdf>.

Feminismo triunfante

1935 *Feminismo triunfante: o Bebê*. *Careta*. [Em linha]. (2 fev. 1935). [Consult. 8 set. 2020]. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/083712/56329>.

FERRAZ, Gabriel Pinelli

2013 *A Representação social de Dilma Rousseff: uma análise das charges que a retratam na Folha de S. Paulo*. [Em linha]. São Paulo, 2013. [Consult. 8 set. 2020]. Disponível em: <https://tede2.pucsp.br/handle/handle/17031>.
Dissertação de Mestrado em Psicologia Social – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

Figuras e cousas de outras terras

2020 Figuras e cousas de outras terras. *Careta*. [Em linha]. (2020). [Consult. 8 set. 2020]. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/O83712/10914>.

FREDRICKSON, Barbara L; ROBERTS, Tomi-Ann

1997 Objectification theory: toward understanding women's lived experiences and mental health risks. *Psychology of Women*. [Em linha]. 21 (1997). [Consult. 8 set. 2020]. Disponível em: <https://journals.sagepub.com/doi/pdf/10.1111/j.1471-6402.1997.tb00108.x>.

GARCIA, Carla Cristina

2015 *Breve história do feminismo*. São Paulo: Claridade, 2015.

GATTO, Ana Clara

2018 Análise documental de imagem: uma leitura das contribuições semióticas. *Revista digital de Biblioteconomia e Ciência da Informação*. [Em linha]. 16:1 (jan./abr. 2018). [Consult. 8 set. 2020]. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/rdbci/article/view/8650508/pdf>.

GIL, Antônio Carlos

2010 *Como elaborar projetos de pesquisa*. São Paulo: Atlas, 2010.

GINMAN, Mariam; UNGERN-STERNBERG, Sara von

2003 Brief communication cartoons as information. *Journal of Information Science*. [Em linha]. 29:1 (2003). [Consult. 8 set. 2020]. Disponível em: <https://journals.sagepub.com/doi/pdf/10.1177/016555150302900109>.

GIRARDI, Maria Fernanda Gugelmin

2001 A Evolução do direito de família brasileiro e o instituto do divórcio: uma proposta político-jurídica. In CONGRESSO BRASILEIRO DE DIREITO DE FAMÍLIA, 3º, Belo Horizonte, 2001 - *Anais...* [Em linha]. Belo Horizonte: IBDFAM, 2001. [Consult. 8 dez. 2020]. Disponível em: <https://www.ibdfam.org.br/assets/upload/anais/159.pdf>

GOBI, André

2020 Historiadora analisa estereótipos em torno das mulheres e dos papéis sexuais veiculados na imprensa ilustrada carioca do início do século XX: notícia. In *Café História: história feita com cliques*. [Em linha]. 2020. Disponível em: <https://www.cafehistoria.com.br/estereotipos-femininos-na-imprensa/>.

GOMES, Thulio Pereira Dias

2015 *A Charge é o assunto: análise documentária de charge*. Rio de Janeiro, 2015. Dissertação de Mestrado em Ciência da Informação) - Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação, Rio de Janeiro.

Ideias do século

1921 Ideias do século. *Careta*. [Em linha]. (1921). [Consult. 8 set. 2020]. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/O83712/26386>.

JOLY, Martine

1996 *Introdução à análise da imagem*. Campinas-SP: Papyrus, 1996.

Jupe-culotte

1911 Jupe-culotte. *Careta*. [Em linha]. (25 mar. 1911). [Consult. 08 set. 2020]. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/O83712/4183>.

KRIPKA, Rosana Maria Luvezute; SCHELLER, Morgana; BONOTTO, Danusa
2015 Pesquisa documental: considerações sobre conceitos e características na pesquisa qualitativa. In *Atas: Investigação Qualitativa na Educação*. [Em linha]. 2015, vol. 2. [Consult. 3 abr. 2020]. Disponível em:
<https://proceedings.ciaiq.org/index.php/ciaiq2015/article/view/252>.

LAVER, James; PROBERT, Christina
1989 *A Roupa e a moda: uma história concisa*. Trad. Glória Maria de Mello Carvalho. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

LE COADIC, Yves-François
2004 *A Ciência da informação*. Brasília (DF), Briquet de Lemos, 2004.

LEON, Sylvia de
1914 Sobre o feminismo. *Careta*. [Em linha]. (ago. 1914). [Consult. 28 set. 2020]. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/083712/12112>.

LIMA, Natália Dias de Casado
2018 A Belle Époque e seus reflexos no Brasil. In SEMANA DE HISTÓRIA UFES, 11^a, Espírito Santo, 2018 - *Anais...* [Em linha]. Espírito Santo: UFES, 2018. [Consult. 14 dez. 2020] Disponível em:
<https://periodicos.ufes.br/semanadehistoria/article/view/23114>.

LUZ, Rosemári Pereira da
2014 A Prática da leitura de charges na esfera jornalística e na Internet. In BRASIL. Secretaria de Estado da Educação. Superintendência de Educação - *Os Desafios da escola pública paranaense na perspectiva do professor de produções didático-pedagógicas*. [Em linha]. Paraná: Secretaria de Estado da Educação, 2014, vol. 2. [Consult. 27 jul 2020]. Disponível em:
http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/cadernospde/pdebusca/producoes_pde/2014/2014_uel_port_pdp_rosemari_pereira_da_luz.pdf.

MACHADO JUNIOR, Cláudio de Sá
2006 *Fotografias e códigos culturais: representações da sociabilidade carioca pelas imagens da revista Careta, 1919-1922*. Porto Alegre, 2006.
Dissertação - Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

MELLO, Barão Homem de
1911 Artigo de fundo. *Careta*. [Em linha]. (8 abr. 1911). [Consult. 8 set. 2020]. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/083712/4252>.

A Moeda de cobre
1912 A Moeda de cobre. *Careta*. [Em linha]. (13 jul. 1912). [Consult. 8 ago. 2021]. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/083712/7101>.

MONTEIRO, Kimberly Farias; GRUBBA, Leilane Serratine
2017 A Luta das mulheres pelo espaço público na primeira onda do feminismo: de sufragettes às sufragistas. *Direito e Desenvolvimento*. [Em linha]. 8:2 (2017). [Consult. 10 dez. 2020]. Disponível em:
<https://periodicos.unipe.br/index.php/direitoedesenvolvimento/article/view/563>.

MORAES, Maria Lygia Quartim de
2001 Apresentação. *Cadernos pagu*. [Em linha]. 16 (2001). [Consult. 3 jul. 2020]. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/cpa/n16/n16a01.pdf>.

A Mulher estudando inglês

1928 A Mulher estudando inglês. *Careta*. [Em linha]. (6 out. 1928). [Consult. 8 set. 2020]. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/083712/42833>.

A Nova moda

1911 A Nova moda. *Careta*. [Em linha]. (15 abr. 1911). [Consult. 8 set. 2020]. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/083712/4281>.

Profissão do feminismo

1914 Profissão do feminismo. *Careta*. [Em linha]. (31 jan. 1914). [Consult. 8 set. 2020]. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/083712/11095>.

PUGA, Vera Lúcia

2007 Casar e separar: dilema social histórico. *Esboços: histórias em contextos globais*. [Em linha]. 14:17 (2007) 157-172. [Consult. 8 set. 2020]. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/esbocos/article/view/1337>.

RIBEIRO, Rita de Cássia Souza; CORDEIRO, Rosa Inês de Novais

2007 A Caricatura na perspectiva da representação documental. In ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 8º, Salvador, 2007 - *Anais...* [Em linha]. Salvador: UFBA, 2007. [Consult. 8 set. 2020]. Disponível em: <http://enancib.ibict.br/index.php/enancib/viiienancib/paper/view/2803/1931>.

ROMUALDO, Edson Carlos

2000 *Charge Jornalística: polifonia e intertextualidade*. [Em linha]. Maringá: Eduem, 2000. [Consult. 8 out. 2020]. Disponível em: <http://old.periodicos.uem.br/~eduem/novapagina/?q=system/files/Liv-Edson-1.pdf>.

SANTI, Tailine Audilia; TOILLIER, Jean Sebastian

2020 História das mulheres: marcas de gênero e reflexões sobre a História Oral. In ENAPHEM - ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO MATEMÁTICA, 5º, 2020 - *Anais*. [Em linha]. 2020, p. 1-6. [Consult. 29 dez. 2020]. Disponível em: <https://periodicos.ufms.br/index.php/ENAPHEM/issue/view/622>.

SANTOS, Hélder Manuel Almeida

2015 *O Cartoon como crítica social*. [Em linha]. Porto, 2015. [Consult. 29 dez. 2020]. Disponível em: <https://repositorio-aberto.up.pt/bitstream/10216/81899/2/37652.pdf>.
Dissertação de Mestrado em Design Gráfico e Projetos Editoriais - Universidade do Porto, Faculdade de Belas Artes.

SOARES, Ana Carolina Eiras Coelho

2012 Amor, casamento, desquite e sangue: caminhos da conjugalidade no Brasil através das páginas da Revista Feminina. In ENCONTRO REGIONAL DE HISTÓRIA DA ANPUH, 15º, São Gonçalo, 2012 - *Anais...* [Em linha]. São Gonçalo: FFP/UERG, 2012, p. 1-10. [Consult. 29 dez. 2020]. Disponível em: http://www.encontro2012.rj.anpuh.org/resources/anais/15/1338402486_ARQUIVO_ANPUH-RJTrabalhoCompleto.pdf.

SOARES, Ingrid

2019 Bispo Edir Macedo diz que mulheres não podem ter mais estudo que o homem. *Correio Brasiliense*. [Em linha]. (24 set. 2019). [Consult. 8 set. 2020]. Disponível em: <https://www.correiobrasiliense.com.br/app/noticia/brasil/2019/09/24/internabrasil,789307/bispo-edir-macedo-diz-que-mulher-nao-pode-ter-mais-estudo-que-o-marido.shtml>.

SOUZA, Isabel Cristina de Oliveira

2018 *A Charge como fonte de representação da informação no desenvolvimento político brasileiro*. [Em linha]. Salvador da Bahia, 2018. [Consult. 8 set. 2020]. Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/ri/handle/ri/27843>. Tese de Doutorado em Ciência da Informação - Universidade Federal da Bahia, Instituto de Ciência da Informação.

SOUZA, Leal de

1914 O Feminismo. *Careta*. [Em linha]. (31 out. 1914). [Consult. 8 set. 2020]. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/083712/12648>.

Toilettes de Eva

1913 Toilettes de Eva. *Careta*. [Em linha]. (30 set. 1913). [Consult. 8 set. 2020]. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/083712/10807>.

Tragédia biológica

1934 Tragédia biológica. *Careta*. [Em linha]. (3 mar. 1934). [Consult. 8 set. 2020]. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/cache/3130509763714/I0054436-70Alt=001588Lar=001024LargOri=002048AltOri=003176.JPG>.

VAN DIJK, Teun A.

2018 *Discurso e poder*. São Paulo: Contexto, 2018.

O Veedee

1910 O Veedee. *Careta*. [Em linha]. (5 mar. 1910). [Consult. 8 set. 2020]. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/cache/781308218347/I0002241-20Alt=001938Lar=001330LargOri=002228AltOri=003247.JPG>.

VIANNA, Cynthia Semíramis Machado

2017 *A Reforma sufragista: marco inicial da igualdade de direitos entre mulheres e homens no Brasil*. [Em linha]. 2017. [Consult. 8 set. 2020]. Disponível em: https://repositorio.ufmg.br/bitstream/1843/BUOS-ASUHQL/1/semiramis_final_com_anexos.pdf Tese de Doutorado em Direito - Universidade Federal de Minas Gerais, Programa de pós-graduação em Direito.

WILSON, Elizabeth

1985 *Enfeitada de sonhos: Moda e Modernidade*. Lisboa: Edições 70, 1985.

WOLF, Naomi

1992 *O Mito da beleza: como as imagens de beleza são usadas contra as mulheres*. Rio de Janeiro: Rocco, 1992.

Alessandra Nunes de Oliveira | alessandranunesoliveira@gmail.com

Universidade Federal do Pará (UFPA), Brasil

Jetur Lima de Castro | jetur.castro@unesp.br

Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (UNESP), Brasil

Cecília Abrahão Nascimento Santi | ceciliabrahao2001@gmail.com

Universidade Federal do Pará (UFPA), Brasil

Lilia Silva do Nascimento | profaliliane@ufpa.br

Universidade Federal do Pará (UFPA), Brasil